

## **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**

Elizeu Clementino de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



## (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação<sup>1</sup>

Elizeu Clementino de Souza

A discussão sobre Pesquisa Autobiografia, Histórias de vida e História da Educação tem possibilitado ampliar as questões teórico-metodológicas e, especialmente as relacionadas a produção, visibilidade de outras fontes e perspectivas de pesquisas, por entender que, conforme afirmam Souza e Menezes,

No âmbito da História da Educação e de outros campos do conhecimento educacional, as pesquisas com fontes menos tradicionais e mais recorrentes começam a ter e adquirir novo estatuto metodológico e apresentam novos esforços para uma compreensão das práticas educativas e escolares (2006, p. 146).

Isto me leva a refletir sobre como o trabalho com certas fontes aparece acompanhado pelo debate sobre a própria produção da fonte. A emergência de outras fontes menos recorrentes se inscreve, numa perspectiva da história cultural e da história social, marcando a crescente utilização de diferentes fontes em pesquisas acerca da imprensa pedagógica; dos manuais escolares, dos programas de ensino, dos currículos e conteúdos de exames, etc. Tais fontes são as autobiografias, as memórias, as histórias de vida, as narrativas escritas, a literatura, as fontes iconográficas, midiáticas e os programas televisivos.

<sup>1</sup> O presente artigo foi apresentado na Mesa Autobiografia na História da Educação, no âmbito do II Encontro Norte – Nordeste de História da Educação e I Encontro Maranhense de História da Educação, realizado entre os dias 20 a 23 de agosto de 2007. Compuseram a referida mesa Elizeu Clementino de Souza – UNEB, José Gerardo Vasconcelos – UFC e MarluCIA Paiva – UFRN. Ao tomar As questões de método na Pesquisa em História da Educação' como temática central, o II Encontro Norte-Nordeste de História da Educação e I Encontro Maranhense de História da Educação buscam aprofundar discussões sobre questões vinculadas às fontes, procedimentos de recolha, análise e interpretação na pesquisa histórica, ao confirmar a relevância e o significado da temática para o campo das pesquisas em história da educação nessas regiões do Brasil.

A intenção neste trabalho é discutir sobre as aproximações e possíveis distanciamentos entre as (auto)biografias, a história da educação e as práticas de formação, por entender como afirma Catani (2005, p. 32) que, “as escritas das obras autobiográficas que testemunham as relações pessoais com a escola pode ser útil como fonte para a elaboração da história da educação”, ao traduzir sentimentos, representações e significados individuais das memórias, histórias e relações sociais com a escola.

Conforme Souza, Sousa e Catani (2007), o movimento biográfico no Brasil tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação.

A criação e atuação do Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE-FEUSP) marcam as primeiras experiências com pesquisas (auto) biografias como práticas de formação, através das aproximações das memórias e trajetórias de professoras com seus percursos e aprendizagens da docência, entrecruzando com questões de gênero. O trabalho de Bueno, Sousa, Catani e Chamlian (2006) sistematiza o percurso do grupo, destacando pesquisas realizadas, experiências desenvolvidas com projetos de formação de professores em serviço com base nas histórias de vida como perspectiva de formação e auto-formação. Cabe destaque a realização do 1º Seminário Memória, Docência e Gênero, cuja intenção foi de reunir pesquisadores e conhecer investigações desenvolvidas no âmbito das histórias de vida e suas relações com a formação, trabalho docente e identidade profissional, o que se configura como uma das primeiras possibilidades de aglutinação e mapeamento de pesquisas com as histórias de vida na educação brasileira, no campo da formação de professores.

As duas primeiras edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica, em Porto Alegre (I CIPA, 2004) e em Salvador (II CIPA, 2006), configuram-se como momentos significativos para o campo dos estudos biográficos no Brasil, tendo em vista a sistematização das peculiaridades das produções, modalidades de trabalho, configuração dos espaços acadêmicos de onde emergem e se consolidam tais estudos, diversidade de pesquisas que se apropriam das autobiografias como prática de formação no território da formação continuada de professores, estudos no âmbito da história da educação e das práticas de formação e, por fim,

a re-invenção de modos de trabalho ancorados em uma base teórica, cujos autores apresentam diferentes práticas de pesquisa com histórias de vida.

As pesquisas desenvolvidas na pós-graduação em educação no Brasil e a criação de diferentes grupos de pesquisas (SOUZA, 2006) contribuíram para a ampliação das pesquisas com as histórias de vida e (auto)biografias na área educacional, seja como prática de formação, seja como investigação ou investigação-formação. Essas questões nos remetem a entender que a diversidade de produção característica no Brasil sofre influência teórica e metodológica de diferentes disciplinas e áreas do conhecimento.

Ao examinar a diversificação das entradas e terminologia das pesquisas Pineau (2006, p. 41), afirma que “a flutuação terminológica em torno das histórias e relatos de vida, biografias e autobiografias é indicativa da flutuação do sentido atribuído a essas tentativas de expressão da temporalidade vivida pessoalmente”. Destaca também as possibilidades de experiências na educação e na formação de adultos, ao buscar ampliar a discussão epistemológica e um panorama histórico, numa dialética ascendente/descendente entre os discursos e os percursos de vida, articulando o bio-questionamento à expansão das artes de existência.

As questões inicialmente apresentadas possibilitam ampliar e discutir a relação memória, narrativa, (auto)biografia e história da educação, ao tomar como referência para organização do presente texto os trabalhos de Souza (2006, 2004 e 2003), Souza e Abrahão (2006), Souza e Fornari (2005), que sistematizam reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação e a fertilidade da utilização do trabalho centrado na memória e na abordagem biográfica na formação de professores e no campo do estágio supervisionado.

## MEMÓRIA, NARRATIVA E (AUTO)BIOGRAFIA: PRODUÇÃO DE SENTIDOS E A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO<sup>2</sup>

Quais foram as circunstâncias que possibilitaram a utilização da memória e da narrativa como fontes críveis de produção de conhecimento, inclusive, de um conhecimento com potencialidade formativa? A valorização dessas

---

<sup>2</sup> As discussões aqui apresentadas foram sistematizadas por Souza e Fornari (2005), no âmbito da Pesquisa Memórias do Colégio Nossa Senhora do Carmo: imagens e representações de ex-normalistas na/sobre a formação docente (1950-1960).

fontes ocorreu no bojo da alteração paradigmática produzida a partir das dúvidas levantadas sobre a capacidade, do conjunto de referências teóricas e metodológicas das ciências naturais, de dar conta da compreensão dos fenômenos sociais. Problematizou-se, então, a noção de cientificidade a partir da contestação do positivismo que, até então, constituía-se como idéia reguladora hegemônica na produção do conhecimento válido. Concordamos com Najmanovich (2001, p. 35), quando afirma que:

O que a epistemologia clássica chamava de ‘conhecimento objetivo’ nada mais é que o produto de um processo histórico de padronização perceptual e cognitiva que culmina com a naturalização. As categorias se naturalizam graças à estabilização dos modos de representação.

É, portanto, da contestação do positivismo que emergem as possibilidades de um novo paradigma compreensivo. Temos que perceber a alteração do real produzida pelas ações concretas dos atores sociais, que reivindicam métodos próprios para tratar o conhecimento no âmbito das ciências do humano. Josso (2004, p. 20) lembra-nos que a reabilitação epistemológica do sujeito e do ator “pode ser interpretada como um retorno do pêndulo depois da hegemonia do modelo de causalidade determinista das concepções funcionalistas, marxistas e estruturalistas do indivíduo, que dominaram até o final dos anos setenta”.

No campo da produção historiográfica, a Nova História surgida na França, disposta a defender uma mudança metodológica na pesquisa e tendo por base três bandeiras – “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos” –, amplia a noção de documento histórico reconhecendo a importância das fontes orais. No âmbito desse movimento mais amplo está a Escola dos Annales, movimento que reúne historiadores em torno da edição da revista dos Annales, intitulada originalmente *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Segundo Rocha (2003), é na historiografia francesa que se encontra o marco teórico decisivo para a contestação da historiografia tradicional. No processo de valorização das fontes orais estava a crença de que a maior homenagem que os historiadores e, em especial, os historiadores da educação, poderiam prestar aos excluídos era o de transformar suas memórias em história, buscando memórias sociais que recuperassem os sentidos das vozes ausentes.

Um dado importante deste contexto é compreender como o desenvolvimento tecnológico contribuiu para certa objetivação do relato

oral, a partir da descoberta da tecnologia do gravador e das fitas magnéticas, por volta da década de 40 do século XX. O gravador possibilitou que as memórias fossem registradas em suportes materiais, o que permitiu o acesso para além do momento de sua coleta. Hoje, a preocupação é com a sistematização de arquivos sonoros, o que pode ser atestado nos currículos de faculdades de Biblioteconomia e Arquivística, nos quais há disciplinas que abordam questões relativas à documentação audiovisual. Após esse breve registro do papel da técnica para o desenvolvimento da história oral, é importante reconhecer que a força dessa História está em sua pretensão de dar a voz àqueles que não a tem, questionando as narrativas dominantes da historiografia tradicional. O reconhecimento da legitimidade dessas fontes para a pesquisa em História permitiu que vozes, até então silenciadas pela História tradicional, reivindicassem o direito de falar, o que expôs o fato de que a História é, também, um campo de tensão e disputa. Assim os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais vão buscar na indagação do passado, a partir de suas memórias individuais e coletivas, as circunstâncias sociais e culturais que os conformaram no tempo presente e que permitem pensar em projetos para o futuro.

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. Conforme lembra-nos Bosi (2003), existe um substrato social da memória articulada com a cultura, tomada em toda sua diversidade estética, política, econômica e social.

O paradigma hermenêutico, no qual a abordagem compreensiva se insere, destaca a importância do sujeito no seu papel de intérprete, onde a memória tem uma importância fundamental. A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significante, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências. Do ponto de vista gnosiológico, a hermenêutica fenomenológica busca compreender os sentidos de determinados fenômenos elaborados pelo sujeito, sendo que, nesses termos, a rememoração é sempre reflexão e auto-reflexão. Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade de

se construir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de formação de professores. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.

No que se refere à relação memória e esquecimento, Augé (1998) indica pistas para entender que as mesmas são solidárias e vinculadas ao tempo presente. O esquecimento nos remete ao presente, mesmo que seja para viver em outra dimensão as experiências circunscritas de nossa vida. Afirma o autor que: “É preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel” (1998, p. 106). Corroboramos com a idéia do referido autor, quando entendemos que o conceito de esquecimento como ausência de recordação ganha outro significado, quando o vê como um componente indissociável da memória, visto que “O esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” (AUGÉ, 1998, p. 27). Essa compreensão da memória e do esquecimento somente pôde surgir na órbita de uma epistemologia que construiu novas sensibilidades. Somos herdeiros/as de uma epistemologia moderna que buscou na distinção clara entre sujeito-objeto, no calar da subjetividade, o caminho para construir o conhecimento objetivo. Evidentemente que nossa proposta epistemológica e metodológica situa-se numa perspectiva crítica à epistemologia moderna. Nossa crença não é a de que a descorporificação do conhecimento garanta rigor e imparcialidade, já que os corpos, as memórias e as intencionalidades estão, dialeticamente, situados em determinado espaço/tempo. Portanto, do ponto de vista epistemológico, acreditamos que toda cosmo visão está relacionada com uma moldura teórica que a condiciona e enfoca, ou seja, “vemos unicamente na zona do espectro a que somos sensíveis e vemos de maneira diferente segundo a iluminação e a nossa sensibilidade” (NAJMANOVICH, 2001, p. 25). Complementando a fala da autora podemos afirmar que vemos e lembramos a partir de nossas referências e de nossas sensibilidades.

A principal implicação do paradigma hermenêutico/compreensivo para a produção de conhecimento é a emergência de uma concepção científica mais acessível à pluralidade do saber humano, ao mesmo tempo em que reconhece a perspectiva da complexidade como estruturante da

existência do ser no mundo. Nestes termos, a memória aparece como elemento fundamental na articulação de sentidos entre o individual e o coletivo.

### HISTÓRIAS DE VIDA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

É no bojo do paradigma compreensivo, que a história de vida se legitima como método/técnica de investigação/formação, situando-se no campo da virada hermenêutica, em que se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas. “Ao produzir saber, ao dizer como as coisas são, o homem produz a racionalidade, evidenciando uma estreita relação entre os dois termos – saber e racionalidade” (HERMANN, 2003, p. 13).

A história de vida e a história oral tiveram seu reconhecimento epistemológico no âmbito do movimento etnometodológico. Segundo Minayo (2004) a etnometodologia teve como berço a Universidade de Chicago, e como seu principal arquiteto Robert Park que, desde as décadas de 1920 e 1930 defende a importância da experiência direta com os atores sociais para a compreensão de sua realidade.

Recorro a Schemeil (1999 *apud* Macedo, 2006, p. 62) que nos aponta, para além das diferenças teóricas, a unidade paradigmática entre as formulações dos maiores expoentes da Escola de Chicago – Park, Thomas, Burgess e Mckenzie –, que rompem com a metafísica da modernidade abandonando a noção iluminista de objetividade e apontando a necessidade da compreensão das realidades antropossociais. Nesse movimento é que surge a metodologia autobiográfica, que segundo Josso (2004), dá legitimidade à mobilização da subjetividade como modo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os auto-relatos.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem biográfico-narrativa assume a complexidade e a dificuldade em atribuir primazia ao sujeito ou à cultura no processo de construção de sentido. Ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades,



também únicas. Nesse sentido, a abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História.

A pesquisa deve, como toda prática social, assumir ideologicamente seus valores e seus vínculos de toda ordem: classe, gênero, raça, religião, etc. As subjetividades, na dialética jogo-jogante/jogo-jogado, têm sido trazidas à cena teórica por autores como Nóvoa e Finger (1988), Ferrarotti (1988), Catani (2005, 2003) e Catani e outros (1997, 1998), além de Queiroz (1988) e Demartini (1988). Todos esses autores têm contribuído para pensarmos, no campo da educação, a articulação entre as pressões reais da vida, a consciência e as intencionalidades em um novo paradigma interpretativo, no qual as narrativas se legitimam como fontes imprescindíveis, ainda que não as únicas, de compreensão dos fenômenos humanos.

É inevitável, portanto, pensarmos em algumas questões de opção teórica, enquanto pesquisadores, quando nos vemos imbricados no processo de ouvintes sensíveis das experiências de quem olha, retrospectivamente, para sua vida procurando os sentidos de suas opções. Por isso é pertinente a problematização metodológica, que se inicia pela reflexão sobre as formas de ouvir, registrar e interpretar as narrativas. Primeiro, é importante apresentar a concepção de narrativa com a qual estamos trabalhando. Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado. Queiroz (1981, p. 19) define narração como “o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. A referida autora apresenta uma distinção entre as narrativas como depoimento e como história de vida, levando-se em consideração o papel do pesquisador e a forma que utiliza para recolha dos dados.

No trabalho de coleta de depoimentos o investigador dirige o informante diante do objeto e das questões que pesquisa, ou seja, é o pesquisador quem dirige e conduz a entrevista frente aos acontecimentos da vida do informante que possam ser incluídos no trabalho. Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel

importante à cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo sujeito. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o “dizível” da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida.

Percebo que as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes com o objetivo de demarcar a menor ou maior autonomia discursiva do entrevistado, interesse na totalidade das experiências dos sujeitos ou nos recortes temáticos, os relatos em grupos ou individualizados, etc., mantendo, para além dessa diversidade de enfoque dos aspectos metodológicos, a unidade que lhes dá a valorização das fontes orais.

Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica da história oral. Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras. Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização. Evidenciamos, com base em Queiroz (1988), que a abordagem biográfica tanto é método, uma vez que adquiriu, em seu processo de consolidação, vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, na formulação de várias propostas de maneiras diferenciadas para sua utilização. As variadas tipificações ou classificações no uso do método biográfico inscrevem-se no âmbito de pesquisas sócio-educacionais como uma possibilidade de, a partir da voz dos atores/atrizes sociais, recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, socioculturalmente situados, garantindo às mesmas o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes. Assim, para Nóvoa e Finger (1988, p. 116),

as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Outra questão importante é indicar como concebemos o papel do pesquisador no processo de recolha das fontes e elaboração do conhecimento. Não concordamos com as posições que reduzem o papel do pesquisador à

mera descrição, argumentando que toda interpretação implica traição à essência do discurso do outro. O papel do pesquisador não pode limitar-se a tomar notas, pois sua tarefa é a escuta sensível na qual perceba os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas. Os relatos somente são relevantes porque respondem à historicidade e subjetividade dos sujeitos em suas itinerâncias e formação. Desta forma, pretendemos aprofundar a compreensão e reafirmar a utilização da pesquisa histórica e da narrativa (auto)biográfica, como opção metodológica para a presente pesquisa, visto que possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e por outro lado permite, a partir das narrativas (auto)biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação.

#### NARRATIVAS E ESCRITAS DE SI: ABORDAGEM EXPERIENCIAL E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

Tomar a escrita de si como um caminho para o conhecimento, numa perspectiva hermenêutica, não se reduz a uma tarefa técnica ou mecânica. O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas. Neste sentido, o conceito de “si mesmo” é, como todo conceito, uma proposta organizadora de determinado princípio de racionalidade. O falar de si hermenêutico, que defendemos como meio formativo neste artigo, é muito diferente do falar de si movido por metafísica teológica ou pragmatista. A epistemologia da modernidade criticou a metafísica medieval e teológica deslocando a verdade de uma dogmática religiosa para a dogmática racionalista. O pressuposto principal da racionalidade moderna é a separação sujeito /objeto e a crença de que é passível de conhecimento apenas o que for possível ser medido, ordenado, comparado, etc. Logo a subjetividade deveria ser exorcizada da ciência. Os cientistas deveriam escrever sobre o que eles pesquisam e não sobre o que eles são, deveriam escrever sobre suas descobertas e não sobre suas crenças e valores.

No campo da educação, conforme aponta Josso (2004) estamos vivenciando, a partir dos últimos vinte anos do século vinte, o desenvolvimento de uma sensibilidade à história dos aprendentes. Como pensar, a partir do reconhecimento da importância da subjetividade, a formação docente? No

que e de que forma ela pode contribuir para uma profissionalidade docente mais conseqüente?

Os estudos das histórias de vida no campo educacional centram-se na pessoa do professor, com ênfase nas subjetividades e identidades que as histórias comportam. Com a centralização dos estudos e práticas de formação na pessoa do professor, busca-se abordar a constituição do trabalho docente levando-se em conta os diferentes aspectos de sua história: pessoal, profissional e organizacional, percebendo-se uma tomada de consciência que nos leva a reconhecer os saberes construídos pelos professores, no seu fazer pedagógico diário, o que não acontecia anteriormente nos modelos de formação de professores. Novos conceitos para a compreensão do trabalho docente surgiram com os estudos educacionais, cujas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito, trazendo à tona a necessidade de se investigarem os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos caracterizando-os, inclusive, como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes à profissão.

Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história.

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo.

No âmbito da história da educação as pesquisas (auto)biográficas tem apresentado contribuições férteis para a compreensão da cultura e do cotidiano escolar, da memória material da escola e se apropriado das escritas (auto)biográficas, das narrativas de formação, como testemunhos,

indicativos, das relações com a escola, visto que no “[...] campo específico da história da educação, a inclusão dessas fontes participa de um movimento de renovação de opções teórico-metodológicas e temáticas, característico das duas últimas décadas [...]” (CATANI, 2005, p. 32).

As pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação e História Oral (GRAFHO), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) vinculam-se a abordagem experiencial e as histórias de vida, as quais organizam-se a partir de projetos do grupo e de suas respectivas linhas de pesquisa. Cabe destaque os trabalhos de Liane Figueiredo Soares e de Selma Assis. O primeiro intitula-se *Olga Mettig: história de vida e pensamento pedagógico*, objetivando destacar a importância dessa professora para a educação na Bahia, ao analisar sua história de vida, resgatando os saberes, seu pensamento pedagógico e a realidade educacional da Bahia durante os anos de 1950 a 1970, época de maior produção intelectual da educadora. O segundo estudo tem como foco, *Imagens e Representações das Ex-Normalistas da Escola Nossa Senhora do Carmo: um estudo sobre identidade de gênero e formação docente (1948 – 1982)*, e pretende contribuir para a análise da formação docente e ampliação da constituição da história educacional na Bahia, visando analisar as imagens e representações de gênero de ex-normalistas a partir de seus processos formativos. O termo identidade, aqui evidenciado, expressa a forma dos indivíduos se reconhecerem e serem reconhecidos, a partir do viés de gênero.

Ao estudar as *Histórias de mestras, memória e identidade: o significado de ser professora do Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG)*, Rita Carneiro propõe investigar os processos de construção/reconstrução identitárias de um grupo de professoras aposentadas do Instituto e a relação desses processos com as memórias de suas vivências/experiências na instituição. O Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG), antiga Escola Normal de Feira de Santana, foi a principal instituição de formação de professores de Feira de Santana e região. Milhares de professores tiveram sua formação inicial nesta instituição e muitos professores e professoras viveram ali a sua profissionalidade. Durante muitas décadas trabalhar no IEGG representou prestígio e visibilidade social para os docentes. Mas, em razão das mudanças na legislação para a formação docente nos últimos anos da década de 1990, a oferta de matrícula foi sendo reduzida, até o

curso ser fechado em 2001. Para o grupo estudado, a instituição permaneceu viva nas suas memórias, ao mesmo tempo que suas identidades foram reconstruídas.

Outro significativo estudo desenvolvido no interior da linha de pesquisas – (Auto)biografia formação de professores e de leitores é o trabalho de Geisa Arlete, intitulado *A história de vida e o ciclo profissional: uma reflexão sobre o abandono da docência*, ao que busca compreender as possíveis relações entre o abandono da profissão docente, a história de vida e o ciclo de vida profissional de professores da cidade de Salvador – BA, com base em fontes do Departamento de Saúde do Sindicato de Professores do Estado da Bahia (SINPRO/BA), no período entre 1995-1998.

Os estudos que se apropriam da abordagem experiencial e que tomam as histórias de vida como prática de formação, no âmbito do grupo têm se configurado como uma vertente de pesquisa-formação e vem se debruçando sobre histórias de leitura, estágio supervisionado e narrativas de autoformação de professores de educação infantil. Ao discutir sobre as *Histórias de vida e formação de leitores: a biblioteca móvel Anísio Teixeira*, Zélia Malheiro Marques, busca através das histórias de vida, compreender práticas de leitura, especialmente na zona rural da cidade de Caetité, sudoeste baiano, na qual a biblioteca da Casa Anísio Teixeira, desenvolve programas de leitura para as escolas rurais multisseriadas do município, que têm como idéia-chave o ato de ler como propiciador de novos leitores e de produtores de textos. Numa perspectiva semelhante, Neurilene Martins Ribeiro pretende discutir em seu estudo, *Tornar-se professor na profissão: narrativas de professoras de Língua Portuguesa nos anos iniciais de carreira*, de que modo os docentes de Língua Portuguesa da Chapada Diamantina tornam-se professores no exercício da profissão, investigando as teias de relações constitutivas dos processos que forjam a construção das identidades e subjetividades dos(as) professores(as), com ênfase nas biografias profissionais; nos contextos formativos nos quais estão inseridos(as); nas práticas de formação oferecidas pelas instituições em que trabalham, ao dialogar com as práticas de formação continuada que assumem a história de vida como processo de formação e autorformação. Ampliando o campo de pesquisa com as histórias de vida no grupo, em seu trabalho sobre, *Tornar-se professor de Educação Infantil: histórias de vida e (auto) formação*, Leomárcia Uzeda procura analisar como os professores entendem, percebem os dilemas, desafios, dificuldades em suas

trajetórias profissionais, ao refletir sobre a construção da identidade da professora de educação infantil no exercício da profissão. Por fim, o trabalho *Estágio supervisionado e narrativas de formação*, de Ana Jovina Carvalho, tem como foco o estágio no curso de Pedagogia desenvolvido no Campus IX (Barreiras – Bahia) e seu papel no curso de formação, recorrendo às (auto)biografias. A partir da análise interpretativa dos diários de estágio e da escrita narrativa da trajetória escolar, pretende compreender as itinerâncias no processo formativo, identificar conceitos de estágio que permeiam o curso, as formas como vem sendo desenvolvido ao contribuir para a superação do reducionismo teoria-prática enfrentado pelo estágio supervisionado, como também oportunizar a estes profissionais conhecimentos teórico-metodológicos da abordagem (auto)biográfica, na perspectiva de ressignificar o papel do estágio no processo de formação inicial.

Essas são também questões que me inquietam e que tenho refletido no campo da pesquisa formação, seja no âmbito da história da educação ou da formação inicial ou continuada de professores, a partir de uma outra epistemologia da formação e das aproximações e apropriações entre as (auto)biografias, história da educação e as práticas de formação.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *As formas do esquecimento*. Tradução de Ernesto Sampaio, Lisboa: Imanedições, 1998.

BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CATANI, Denice Bárbara (Org.) *et al.* *Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. *A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia* São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, p. 31-40, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari

- Leite (Org.) *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 119-130.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS 2004.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA. 2., 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: EDUNEB, 2006.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In.: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 44-105.
- FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa formação*. Brasília: Líber livro, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed., São Paulo: Hucitec, 2004.
- NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/ do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NÓVOA, António; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) *Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 42-59.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. *Cadernos do CERU*, São Paulo, n. 16, p. 107-115, nov. 1981.
- \_\_\_\_\_. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In.: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.
- ROCHA, Antonio Penalves. Tempo histórico e civilização material. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.) *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.



SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, 372 p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. 2004, 344 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto) biográficas. In: MACEDO, Roberto Sidney (Org.). *Currículo e docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais*. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p. 35-56.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. La reserche (auto)biographique et l'invention de soi au Bresil. *Colloque International (1986-2007) Le Biographique, la réflexivité et les temporalités*. Articulier Langues, cultures et formation. Université François-Rabelais, 25-27 juin 2007, Tours-França.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz. História da Educação na Bahia: recortes e aproximações sobre a constituição do campo. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho (Org.). *História da Educação no Nordeste Brasileiro*. Fortaleza: UFC Edições, 2006, p. 136-153.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) *Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitja. Colégio Nossa Senhora do Carmo: memória, história institucional e representações sobre a formação docente. In: FERRAZ, Jaci Maria *et al.* *Educação na Bahia: memória, registros, testemunhos*. Salvador: EDUNEB, 2005. p. 347-356.